

A prisão do ex-deputado Eduardo Cunha: como os portais de notícias Folha de São Paulo e G1 repercutiram o fato considerando o processo de midiaticização nos atuais cenários social e político brasileiros¹

Cristiane PORTELA²
Lumárya Souza de SOUSA³
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Resumo

O artigo analisa a prisão do ex-deputado Eduardo Cunha, como evento midiático nos cenários social e político brasileiros. Considerando que a mídia nacional repercutiu em grande escala o fato, a análise leva em conta o modo como os portais Folha de São Paulo e G1 o noticiaram. Para tanto, a metodologia, além de revisão bibliográfica sobre os estudos de midiaticização, contempla uma análise das notícias veiculadas pelos portais no dia da prisão (19/10/2016). O aporte teórico incorpora autores como Hjarvard (2012; 2014) e Fausto Neto (2008), dentre outros. Observa-se, assim, que o fato analisado reforça o poder da mídia na contemporaneidade, pois a forma como a prisão foi divulgada nos veículos estudados contribui para a virtualização midiática da sociedade, repercutindo nos atuais contextos social e político brasileiros.

Palavras-chave: Mídia; midiaticização; política; portais noticiosos; webjornalismo.

1 Introdução

No dias atuais, a internet configura-se como principal meio de atualização/informação da sociedade em geral, visto a própria abrangência da rede. Vive-se em um contexto de “sociabilidade *online*”, que, como adverte Castells (2012), é potencializada pela internet. Assim, a internet não é apenas uma tecnologia, mas é um

¹ Trabalho apresentado no GT 5 – Comunicação e Política, do PENSACOM BRASIL 2016.

² Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora adjunta do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo - da UFPI. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI (PPGCOM/UFPI). Membro do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação NUJOC/UFPI. E-mail: crisportela14@yahoo.com.

³ Graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Membro do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação NUJOC/UFPI. E-mail: lumaryas@gmail.com.

meio de comunicação que organiza as sociedades, processando a virtualidade e transformando-a em realidade (CASTELLS, 2012).

Na era da internet, as informações se multiplicam pelo mundo, num emaranhado de redes de fibra ótica e transpassam fronteiras geográficas. Dessa forma, a noção de tempo e espaço é modificada e tudo é veloz e imediato, no espaço ilimitado da internet.

Partindo dessa realidade, os portais noticiosos aproveitam-se do ambiente proporcionado pela web e, diariamente, bombardeiam o espaço *online* com inúmeras notícias que são consumidas quase que instantaneamente. Diante desse turbilhão de notícias, no dia 19 de outubro de 2016, um fato teve destaque na imprensa brasileira: a prisão de Eduardo Cunha, ex-deputado do PMDB-RJ.

Cunha foi preso por determinação do juiz federal Sérgio Moro, responsável pelas investigações da Operação Lava Jato na primeira instância da Justiça, acusado de tomar diversas atitudes para atrapalhar as investigações da Operação, além de ser processado por receber propina de contrato de exploração de Petróleo no Benin, na África, e de usar contas na Suíça para lavar dinheiro. Considerando que a mídia nacional repercutiu em grande escala a prisão do ex-deputado, o presente artigo analisa o modo como os dois portais de notícias, Folha de São Paulo e G1, com grande visibilidade no Brasil, noticiaram o fato, decisivo para os contextos social e político do País.

Desse modo, concebe-se a prisão do ex-deputado Eduardo Cunha, como evento midiático nos cenários social e político brasileiros. Para tanto, a pesquisa parte da concepção de que a mídia é “parte do tecido social e cultural e configura-se como uma instituição independente, que se interpõe entre todas as outras instituições culturais e sociais, além de coordenar sua interação mútua” (HJARVARD, 2012, p. 55).

2 Webjornalismo: algumas questões

Com o surgimento e a popularização da internet, modificaram-se os modos de trabalho, de produção do conhecimento e de agir e pensar da sociedade como um todo. As formas de produzir e apurar a notícia, as rotinas produtivas e a própria atividade

jornalística de modo geral também sofreram alterações, o que resultou no surgimento do webjornalismo.

Nos últimos anos, o webjornalismo consolida-se na sociedade e torna-se fonte confiável e primordial para aqueles que procuram informações em tempo real. A disseminação e distribuição instantânea de conteúdos modificaram a concepção de tempo e espaço e hoje o jornalismo na web é responsável por pautar os outros meios.

A relação entre a internet e o jornalismo se deu inicialmente como uma mera ferramenta utilizada para a distribuição de conteúdos. Para Canavilhas (2003), reduzir a internet a tal função é desperdiçar esse novo meio e ignorar suas potencialidades, transformando-a em um simples canal de distribuição dos conteúdos já existentes. Por isso, o autor destaca a necessidade de compreender a internet com uma linguagem própria, “baseada nas potencialidades do hipertexto e construída em torno de alguns conteúdos utilizados nos meios existentes” (p. 64).

Partindo desse contexto, Canavilhas (2003) chama de webjornalismo o jornalismo que se pode fazer na web. Nesse novo universo do webjornalismo, o maior desafio é encontrar essa linguagem própria, adequada às exigências de um público que exige mais rigor e objetividade.

O uso da internet para a produção de jornalismo nasceu nos Estados Unidos, a partir da iniciativa de empresas jornalistas já consolidadas no país. No Brasil, o primeiro jornal a ser publicado na internet foi o Jornal do Brasil, em 1995. Nessa época, segundo Prado (2011), o webjornalismo ficou conhecido por apenas copiar e colar conteúdo alheio, sem a devida apuração.

Ainda de acordo com Prado (2011), esse tipo de jornalismo se caracteriza principalmente por apresentar: hipertextualidade, interatividade, multimidialidade, personalização, memória e atualização contínua/instantaneidade. Para a autora, o webjornalismo continua sendo jornalismo mesmo sendo trabalhado em diferentes tipos de veículos, meios, ou mídias, tendo como mudança o processo de produção, de acordo com a plataforma em uso.

Sobre essas seis características do webjornalismo, Palacios (2002) destaca como elas refletem as potencialidades que a internet oferece ao jornalismo desenvolvido na

web. Para o autor, não existe um formato “mais avançado” ou “mais apropriado” que deve ser utilizado no jornalismo na web, mas, na verdade, sugere-se uma multiplicidade de formatos possíveis e complementares.

Ainda no que se refere às características do webjornalismo, Palacios (2002) explica que a multimídia trata da convergência dos formatos da mídia tradicional na narração do fato jornalístico. Sobre a interatividade, o autor comenta que a notícia online faz com que o leitor sinta-se parte do processo jornalístico. Já a hipertextualidade possibilita a interconexão de textos por meio de links (hiperligações) e a personalização oferece ao leitor a opção de configurar os produtos jornalísticos de acordo com os seus interesses individuais, em uma espécie de pré-seleção de assuntos.

No webjornalismo, mais do que em outras mídias, há a possibilidade mais viável economicamente para o acúmulo de informações, isto é, a formação de uma memória. A atualização contínua/instantânea também é uma característica marcante do jornalismo na web, devido à rapidez do acesso e a facilidade de produção e de disponibilização que permitem uma atualização rápida e ágil dos sites noticiosos (PALACIOS, 2002, p. 04).

A velocidade das informações noticiosas na internet e a instantaneidade característica do webjornalismo são alguns dos fatores que contribuem para um novo paradigma do jornalismo na web nos dias atuais, sustentado por uma ampla contribuição dos aspectos da espetacularização. De acordo com Carvalho (2007, p. 28), a espetacularização da notícia é “a aplicação de características imanentes do espetáculo na produção do conteúdo jornalístico”. Nesse sentido, Guerreiro (2007) acrescenta ainda que a espetacularização da notícia é fundamental para que uma notícia se torne interessante aos leitores do ponto de vista do entretenimento. É por isso que “fatos tradicionalmente considerados mais densos para a compreensão do público, como as discussões políticas e econômicas do país, podem receber uma nova roupagem capaz de prender a atenção dos leitores” (p. 01). A informação abundante, especialmente na web, a concorrência, a busca incessante por furos e a exaltação da novidade são alguns dos fatores responsáveis por decompor a notícia em mercadoria altamente perecível e por transformar o jornalismo em show.

3 **Midiatização e política**

Quando se busca entender as relações sociais da atualidade é necessário compreender também o amplo poder de atuação da mídia como parte do processo que permeia tais relações. Assim, a sociedade atual encontra-se “mergulhada” em um processo de midiatização, que atinge as mais diversas esferas sociais, tais como a cultura e a política. Assim, “a midiatização surgiu como um novo quadro teórico para reconsiderar questões antigas, embora fundamentais, sobre o papel e a influência da mídia na cultura e na sociedade” (HJARVARD, 2012, p. 54).

Nesse sentido, a mídia tem funcionado como “elo” de interação, que integra indivíduos e instituições sociais e culturais, influenciando-os. Esse poder de influência que a mídia possui, como afirma Hjarvard (2012), decorre do fato de que “ela se tornou uma parte integral do funcionamento de outras instituições, embora também tenha alcançado um grau de autodeterminação e autoridade que obriga essas instituições, em maior ou menor grau, a submeterem-se a sua lógica” (p. 54). E mais:

A mídia é, ao mesmo tempo, parte do tecido da sociedade e da cultura e uma **instituição independente** que se interpõe entre outras instituições culturais e sociais e coordena sua interação mútua. A dualidade desta relação estrutural estabelece uma série de pré-requisitos de como os meios de comunicação, e determinadas situações, são usados e percebidos pelos emissores e receptores, afetando, desta forma, as relações entre as pessoas. (HJARVARD, 2012, p. 55, grifos nossos).

Dessa forma, a mídia, considerada como “instituição independente”, como afirma o autor supracitado, tem o “poder” de construir notícias que revelem “cenários sociais” favoráveis ao posicionamento ideológico dos próprios veículos de comunicação. Consequentemente, tais notícias serão consumidas, sobretudo, por receptores que se “encaixam” nesses “cenários”, visto que tais receptores só consomem, prioritariamente, conteúdos com os quais estão “alinhados” ideologicamente. Em muitos casos, a mídia “impõe” que determinados fatos só passem a existir socialmente se forem “legitimados” pelos meios de comunicação que os divulgam. Nessa

perspectiva, Fausto Neto (2008, p. 93) é enfático ao afirmar que “as mídias perdem este lugar de auxiliaridade e passam a se constituir uma referência engendrada no modo de ser da própria sociedade, e nos processos e interação entre as instituições e os atores sociais”.

No que diz respeito à política, mais especificamente no caso estudado neste artigo, qual seja, a prisão do ex-deputado Eduardo Cunha, o conceito de midiatização faz-se necessário, visto que, como nos revela Hjarvard (2012, p. 55), “o termo midiatização foi aplicado, pela primeira vez, ao impacto dos meios de comunicação na comunicação política e a outros efeitos na política”. Dessa forma, é apropriado utilizar os estudos da midiatização para entender como os veículos de comunicação ora analisados, os portais Folha de São Paulo e G1, repercutiram o fato da prisão de Eduardo Cunha, sempre considerando, como convém aos estudos da área, os “cenários” sociais e políticos que permeiam os fatos analisados.

Decerto, o contexto que envolve a midiatização é amplo. Para Verón (2014, p. 15), porém, “a midiatização é apenas o nome para a longa sequência histórica de fenômenos midiáticos sendo institucionalizados em sociedades humanas e suas múltiplas consequências”. Assim, considerando o alcance da mídia na contemporaneidade, aqui inclusos os veículos tradicionais (impressos, rádio e TV) e, sobretudo, as mídias digitais, como é o caso dos portais, é possível asseverar que os fenômenos históricos do Brasil da atualidade atingem também a condição de fenômenos midiáticos, que possuem fortes consequências sociais, pois contribuem para “definir”, em muitos casos ainda que indiretamente, o modo de pensar dos indivíduos, enquanto consumidores de informações “moldadas” sob a ótica midiática.

Não é novidade que todas as sociedades humanas, em distintos espaços e distintas épocas, foram, são e continuarão sendo “afetadas” pela midiatização dos processos sociais. Portanto, “fenômenos midiáticos são, de fato, uma característica universal de todas as sociedades humanas” (VERON, 2014, 14). O aspecto que determina o caráter de novidade nos dias presentes, porém, é o fato de que se vive, atualmente, em uma sociedade marcadamente tecnológica, em que as relações sociais são construídas e/ou permeadas, na maioria dos casos, por meios de artefatos

tecnológicos, como computadores, celulares, *smartphones* e tablets e, por isso mesmo, onde a informação atinge uma velocidade inimaginável para os padrões de sociedades anteriores a esta.

4 A prisão de Cunha como evento midiático nos portais noticiosos Folha de São Paulo e G1

Esta pesquisa analisa a repercussão midiática da prisão do ex-deputado Eduardo Cunha nos portais de notícias Folha de São Paulo e G1. Para uma investigação mais objetiva e detalhada do material coletado, opta-se por analisar as três primeiras notícias publicadas, nos referidos portais, sobre a prisão, no dia em que ela ocorreu (19/10/2016). Vale ressaltar que, na data da prisão, os dois veículos publicaram um total de 49 matérias jornalísticas sobre o fato, sendo 37 no portal da Folha e 12 no portal G1.

As primeiras matérias publicadas pelos dois portais tiveram títulos praticamente iguais: **Cunha é preso em Brasília por ordem de Sérgio Moro** (Folha de São Paulo) e **Eduardo Cunha é preso em Brasília por decisão de Sérgio Moro** (G1). Ambas destacaram, logo nos títulos, quem foi o responsável pela prisão. As expressões “por ordem de Sérgio Moro” e “por decisão de Sérgio Moro” revelaram, no primeiro e no segundo caso, respectivamente, o poder e a importância do juiz frente ao fato. Os dois veículos fizeram questão de ressaltar o papel do magistrado como um “ator social” responsável pela execução da prisão. Este posicionamento faz com que os veículos consigam boa aceitação frente a seus leitores, visto que Sérgio Moro desfruta de imagem social positiva junto à opinião pública brasileira. Isto mostra que, do ponto de vista social, “os meios de comunicação não são apenas tecnologias que as organizações, os partidos ou os indivíduos podem optar por utilizar – ou não utilizar – como bem entenderem” (HJARVARD, 2012, p. 54), mas que já se constituem como parte integrante do próprio funcionamento social.

Na matéria do portal Folha, o ex-deputado é acusado de tentar atrapalhar as investigações da Operação Lava Jato e houve destaque para as evidências que levaram à acusação de Cunha. Houve destaque também para fatos polêmicos, como a questão do

dinheiro que bancou o casamento da filha de Cunha, em junho de 2011, no Copacabana Palace, que não saiu das contas da família, mas sim de depósitos feitos em dinheiro vivo e de forma fracionada. Extensa e detalhada, com vários subtítulos, a notícia revelou ao leitor todas as faces do ex-deputado, tanto no momento da prisão como em sua trajetória política. Ao fim, o leitor foi convidado a conhecer melhor a figura política de Eduardo Cunha, com o auxílio de uma linha do tempo denominada “Altos e Baixos de Cunha”. Ademais, o portal Folha, mesmo que em poucas linhas, apresentou o “outro lado” da acusação com informações da defesa do ex-deputado.

No portal G1, a matéria surgiu acompanhada de um vídeo sobre o momento da prisão de Cunha, que foi exibido também na GloboNews, no programa Estúdio i. O vídeo foi utilizado como “reforço midiático” aos anseios do público de assistir, como a um “grande espetáculo”, um fato de efetivo impacto no cenário político nacional. A notícia contou ainda com uma lista de atitudes de Cunha para atrapalhar a Operação Lava Jato, segundo o Ministério Público Federal. O lado da defesa também foi salientado na matéria com uma nota de Cunha sobre a prisão.

As segundas matérias veiculadas nos dois portais, mais uma vez, foram coincidentes nas abordagens: **Prisão de Cunha é anunciada na Câmara e aliados adotam silêncio** (Folha de São Paulo) e **Prisão de Cunha tem repercussão imediata na Câmara e no Senado** (G1). Enquanto a matéria do portal Folha preferiu destacar, logo no título, que os “aliados adotam silêncio”, a do G1 destacou no título apenas que houve “repercussão imediata na Câmara e no Senado”, mas não ressaltou o tipo de repercussão, embora tenha relatado, ao longo da notícia, que houve posicionamentos diversos entre senadores e deputados, aliados e contrários a Cunha.

De acordo com a notícia do portal Folha, minutos após a confirmação da prisão, um dos adversários de Cunha foi ao microfone do plenário da Câmara anunciar o fato e apenas um dos seus aliados comentou o caso, mas ainda assim não defendeu o ex-parlamentar. Cerca de meia hora depois, porém, os adversários começaram a se manifestar sobre o assunto. A matéria seguiu relatando as manifestações em plenário, como um “palco de disputas” entre “favoráveis *versus* contrários” a Cunha. Apresentou, como para exemplificar esse “cenário de disputas”, um trecho da fala de um adversário

e outro trecho da fala de um aliado de Cunha. O portal Folha tentou “equilibrar a disputa” ao optar por publicar trechos das falas, tanto do adversário como do aliado, com o mesmo direcionamento, ou seja, ambos os lados foram ameaçadores. O deputado Sílvio Costa (PT do B-PE), adversário de Cunha, disse:

Hoje é um dia histórico. O dia de hoje, 19 de outubro de 2016, **é o começo do fim do governo Michel Temer**. Eu duvido que um homem como Eduardo Cunha, acostumado a tomar os melhores vinhos, a visitar os melhores hotéis, a comer os melhores pratos, a desfrutar dos melhores sabores da vida, aguarde a prisão em Curitiba sem fazer delação premiada. (Portal Folha, 2016, grifos nossos)⁴.

O deputado Alberto Fraga (DEM-DF), aliado de Cunha, também falou em tom ameaçador:

O governo está em silêncio porque o Brasil está mudando e vai continuar a mudar. A Polícia Federal e o Ministério Público continuam investigando e **quem cometeu seus crimes vai pagar** por eles. E **hoje foi o Cunha, mas amanhã pode ser o Lula**. E espero que essa tribuna não seja usada para show de pirotecnia. **Vai ter muito mais prisão do lado de lá do que do lado de cá**. (Portal Folha, 2016, grifos nossos)⁵.

O portal Folha ajudou, assim, a polarizar a “batalha” entre adversários e aliados de Cunha. As falas dos deputados, em destaque na matéria, possuem trechos, tais como: “é o começo do fim do Governo Michel Temer”; “quem cometeu seus crimes vai pagar”; “hoje foi o Cunha, mas amanhã pode ser o Lula”; “vai ter muito mais prisão do lado de lá do que do lado de cá”. Tais falas reforçam posicionamentos de “luta” do bem contra o mal.

Já o portal G1 não se limitou a apresentar apenas uma fala contrária e outra favorável a Cunha, como fez o portal Folha, nesta matéria em que ambos apresentaram

⁴ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/po...aliados-adotam-o-silencio.shtml>>. Acesso em: 19 de out./ 2016.

⁵ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/po...aliados-adotam-o-silencio.shtml>>. Acesso em: 19 de out./ 2016.

mesma abordagem, mas expôs vários posicionamentos favoráveis à prisão e apenas um contrário. O G1 ainda salientou que “no plenário da Câmara, vários parlamentares se revezaram na tribuna para comentar o episódio. Só um saiu em defesa de Cunha”.

Nos dois casos, os portais mostraram nítida intenção de “dizer” aos leitores que o plenário da Câmara dos deputados transformou-se em “palco de disputas” de apoiadores e contrários a Eduardo Cunha. Isto reflete a concepção de que:

As mídias são ferramentas sociais para a produção de atenção, mas o recurso verdadeiro é a capacidade da mídia em controlar como a informação é representada (por exemplo, enquadrada ideologicamente ou narrada artisticamente), como as relações são construídas (por exemplo, quem se conecta a quem e de que formas), e para qual finalidade social as ações comunicativas servem (por exemplo, entretenimento, educação, persuasão etc.). Como esses recursos podem ser importantes para todos os tipos de interação cultural e social, a mídia pode vir a exercer influência em todo domínio social, mesmo que de formas e intensidades diferentes. (HJARVARD, 2014, p. 40).

Nas terceiras matérias publicadas pelos portais sobre o caso, as abordagens foram diferentes. O portal Folha dirige o enfoque para os impactos que a prisão poderá causar no Palácio do Planalto, com matéria intitulada **Planalto e aliados avaliam que prisão aumenta risco de delação de Cunha**, destacando as preocupações advindas com a possibilidade de Cunha fazer um acordo de delação premiada para deixar a cadeia e comprometer não apenas o presidente do Brasil, como também demais deputados federais aliados do próprio Cunha. A matéria ressaltou ainda uma relação conturbada entre o ex-deputado e o secretário-executivo do governo federal, Moreira Franco, um dos aliados mais próximos de Temer. Vale destacar que a matéria possui vozes amplas e inespecíficas, tais como: “**o entorno de Michel Temer** não acredita que o peemedebista tenha elementos para comprometer o presidente em uma eventual delação premiada [...]”; “**nas palavras de um auxiliar presidencial**, o que preocupa é o fato de ‘Eduardo Cunha ser incontrolável’[...]”, “**a avaliação** é que, Caso Cunha aceite fazer a delação premiada, Moreira deve ser o primeiro alvo do peemedebista [...]”. O portal, não disse, assim, quem especificamente compõe o “entorno de Michel Temer”, nem que é o

“auxiliar presidencial”, como também não deixou explícito quem fez “a avaliação” sugerida no último trecho citado anteriormente. Estes aspectos foram “lançados” implicitamente para os leitores, como parte de um “jogo midiático” que não se declara explícito por meio do que “é dito”, mas que aposta no “não dito”, como estratégias que fazem parte do próprio “cenário midiático”. Ou seja, apostando na “imparcialidade” jornalística, o portal não ficou à vontade para revelar explicitamente seu posicionamento ideológico, mas utilizou generalizações para se “mostrar imparcial” dentro da lógica jornalística.

Enquanto isso, no portal G1 o enfoque da terceira matéria divulgada sobre a prisão foi para a defesa de Cunha. Na matéria, **Eduardo Cunha diz que prisão é ‘absurda’ e ‘sem nenhuma motivação’**, logo no título, o portal ofereceu voz ao próprio Cunha. O subtítulo também seguiu oferecendo voz ao ex-parlamentar: **Advogados tomarão ‘medidas cabíveis’, disse ex-presidente da Câmara**. Houve destaque para um trecho da nota de defesa do próprio Cunha:

“Trata-se de uma decisão absurda, sem nenhuma motivação e utilizando-se dos argumentos de uma ação cautelar extinta pelo Supremo Tribunal Federal. A referida ação cautelar do Supremo, que pedia minha prisão preventiva, foi extinta e o juiz, nos fundamentos da decretação de prisão, utiliza os fundamentos dessa ação cautelar, bem como fatos atinentes à outros inquéritos que não estão sob sua jurisdição, não sendo ele juiz competente para deliberar”, disse Cunha na nota. (Portal G1, 2016)⁶.

O advogado do ex-deputado também foi ouvido e se pronunciou sobre a questão em um longo trecho. A nota da defesa pessoal de Cunha também foi publicada na íntegra ao fim da matéria.

Frente a dimensão da prisão do ex-deputado Eduardo Cunha e seu impacto nos contextos social e político brasileiros, observa-se como os meios de comunicação, no caso específico deste estudo os portais Folha de São Paulo e G1, vem se apropriando de aspectos e detalhes importantes em tais contextos, para transformá-los em eventos midiáticos de grandes proporções e que só passam a ser “legitimados socialmente”

⁶ Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2016/10/eduardo-cunha-diz-que-prisao-e-absurda-e-sem-nenhuma-motivacao.html>>. Acesso em: 19 de out./ 2016.

quando recebem a chancela da própria mídia. Nesse sentido, Hjarvard (2012) atenta para o papel que vem desempenhando a mídia como um importante agente de mudança cultural e social. E mais, passa-se, assim, a viver em um contexto de “cultura da mídia”, como denomina Fausto Neto (2008), ao afirmar que “a constituição e o funcionamento da sociedade [...] estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a ‘cultura da mídia’” (p. 92).

5 Considerações finais

Diante da forma como a prisão do ex-deputado Eduardo Cunha foi divulgada nos portais Folha de São Paulo e G1, fica evidente como a mídia apresenta-se como ponto central das relações sociais da atualidade, que acontecem, cada vez mais, pautadas sob influência da própria mídia.

Assim, a sociedade contemporânea é a todo momento bombardeada por informações produzidas pelos meios de comunicação, que (re)criam significações sobre os mais variados assuntos, sempre alinhados ideologicamente aos interesses dos próprios veículos. Muitas dessas informações são espetacularizadas, com o intuito de seduzir o público e garantir audiência, e transformadas em eventos midiáticos, como ocorreu no caso analisado.

As relações sociais passam, assim, a incorporar assuntos impactantes do cotidiano, como a política neste caso, e a mídia assume função decisiva, determinante e definidora dessas relações. Enquanto instituição autônoma e independente, a mídia “emoldura” fatos sociais de acordo com interesses ideológicos e/ou mercadológicos próprios. Os consumidores das informações passam, assim, a consumi-las pautados pela identificação a tais interesses.

Portanto, notícias como a prisão de Eduardo Cunha, tornam-se ainda mais emblemáticas e importantes socialmente devido à forma como a mídia se apropria do fato e o “devolve” aos consumidores das informações. Os acontecimentos sociais, tanto nos aspectos culturais e políticos, são transformados, assim, em eventos midiáticos que assumem distintas (re)configurações de acordo com o público ao qual se direciona.

Referências

BRAGON, Ranier. **Prisão de Cunha é anunciada na Câmara e aliados adotam silêncio**. Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/po...aliados-adotam-o-silencio.shtml>>. Acesso em: 19 de out./ 2016.

CALGARO, Fernanda; GARCIA, Gustavo; CARAM, Bernardo. **Prisão de Cunha tem repercussão imediata na Câmara e no Senado**. G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/10/prisao-de-cunha-tem-repercussao-imediata-na-camara-e-no-senado.html>>. Acesso em: 19 de out./ 2016.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo**: considerações gerais sobre jornalismo na web. Informação e Comunicação Online 1, Projecto Akademia, 2003, p. 63-73.

CARVALHO, Viviane de. **O papa continua pop**: a espetacularização da notícia na vinda do papa ao Brasil. 2007. 71 f. Monografia – Universidade Federal de Viçosa.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de. (Org.). **Por uma outra comunicação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 255-287.

DIONÍSIO, Bibiana; KANIAK, Thais; VIANNA, José; MAZZA, Malu; COSME, Marcelo. **Eduardo Cunha é preso em Brasília por decisão de Sérgio Moro**. G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/10/juiz-federal-sergio-moro-determina-prisao-de-eduardo-cunha.html>>. Acesso em: 19 de out./ 2016.

FAUSTO NETO, Antônio. **Fragments de uma “analítica” da midiaticização**. Matrizes, n. 2, abr. 2008, São Paulo, p. 89-105.

FOLHA de São Paulo. **Cunha é preso em Brasília por ordem de Sérgio Moro**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/po...-e-apreensao-da-pf-no-rio.shtml>>. Acesso em: 19 de out./ 2016.

GUERREIRO, Ana Gabriela. **A espetacularização da notícia como característica da imprensa no governo FHC**. Disponível em: <http://www.midiaepolitica.unb.br/visualizar.php?id=303&autor=Ana%20Gabriela%20Guerreiro>. Acesso em: 30 nov./2016.

HJARVARD, Stig. **Midiatização**: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. Matrizes, ano 5, n. 2, jan./jun. 2012, p. 53-91.

_____. **Midiatização**: conceituando a mudança social e cultural. Matrizes, v.8, n.1, jan./jun./ 2014, p. 21- 44.

OLIVEIRA, Mariana. **Eduardo Cunha diz que prisão é ‘absurda’ e ‘sem nenhuma motivação’**. G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2016/10/eduardo-cunha-diz-que-prisao-e-absurda-e-sem-nenhuma-motivacao.html>>. Acesso em: 19 de out./ 2016.

PALACIOS, **Jornalismo online, informação e memória**: apontamentos para debate. Disponível em: <<http://labcom-ifp.ubi.pt/files/agoranet/02/palacios-marcos-informacao-memoria.pdf>>. Acesso em: 30 nov./2016.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

URIBE, Gustavo; ÁLVARES, Débora; CRUZ, Valdo. **Planalto e aliados avaliam que prisão aumenta risco de delação de Cunha**. Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/po...risco-de-delacao-de-cunha.shtml>>. Acesso em: 19 de out./ 2016.

VERON, Eliseo. **Teoria da midiatização**: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas conseqüências. Matrizes, v. 8, n. 1, jan./jun. 2014, São Paulo, p. 13-19.